



A INCERTEZA DO TALVEZ

Pr. Harry Tenório

(Lamentações 3.29) - “Ponha a sua boca no pó; talvez ainda haja esperança”.

Introdução

O livro de lamentações nos transporta para 586 a.C., ao tempo em que Nabucodonosor, o imperador babilônico invade Judá e devasta Jerusalém. A queda é humilhante, representa uma ameaça à promessa de Deus acerca da prevalência e perpetuação do reino davídico:

(I Reis 2.4) - *“Se teus filhos guardarem o seu caminho, para andarem perante a minha face fielmente, com todo o seu coração e com toda a sua alma, nunca, disse, te faltará sucessor ao trono de Israel”.*

A destruição é total, já não existe herdeiro de Davi no trono, derrubaram os muros, o templo, nem o palácio real sobreviveu ao ataque. A lamentável deportação dos sobreviventes ao ataque para a distante Babilônia era uma cena humilhante e dolorosa.

Jeremias está com o coração arrasado, um sentimento de tristeza e impotência profunda visita o seu coração. ***Seu sentimento é a encarnação do próprio sentimento de Deus, que sofre ao ver seus filhos perecendo.*** Deus quer fazer alguma coisa, mas depende do arrependimento e da confissão e do abandono dos pecados do seu povo. Os cinco lamentos foram escritos na forma de poema. O texto é um acróstico escrito de Élefe a Tau (primeira e última letra do alfabeto hebraico, como se fosse de a ao z), e isto pressupõe que o profeta se proíbe de continuar com prantos e gemidos intermináveis.

A causa do evento trágico estava relacionada com a ingratidão e o pecado de Israel. Por mais que Deus trabalhasse para beneficiar e proteger o seu povo, mas eles se distanciavam da perfeita e devida adoração.

Agora vamos direto ao texto, em oração para que Deus nos fale hoje ao coração.

1 – Descrição da miséria de Sião

“Como se acha solitária aquela cidade dantes tão populosa” (1.1)

O primeiro impacto que temos na vida sempre é e será o visual. Só depois surgirão o emocional e o espiritual. É a visão que impacta Jeremias e extrai do seu coração aquele lamento de dor, e dos olhos aquelas lágrimas sofridas.

O sentimento é de pesar. Várias gerações lutaram por aquele objetivo, o de estabelecer-se naquele local, formar uma nação forte, santa e agradável a Deus. Quantos em gerações

anteriores não empenharam toda força da sua existência na construção daquele ideal. Havia esforço do próprio Deus, para que estivessem ali, e que todos fossem abençoados.

O quadro devastado daquela que outrora fora uma cidade bela, a ausência da maioria dos moradores que foram levados escravos, pais separados de filhos, esposas de esposo, o crente distante do seu local de adoração, a supressão dos cultos a Deus e a substituição imposta dos cultos às divindades babilônicas sugere uma meditação na força e nas trágicas consequências do pecado.

Não pense que o que aconteceu ali é um assunto que não diz respeito a você.

O triste lamento da destruição daquela cidade *descreve um quadro que vai desde amada a desprezada, de protegida a abandonada, de livre a aprisionada*, e fala por tanto dos extremos da vida, como de oportunidades que nos são oferecidas gratuitamente por Deus e que foram desprezadas por nós.

2 – Causas do declínio de Sião

O pecado do povo foi o responsável pela escravidão e domínio babilônico sobre Sião.

Em Lm 1.5 Jeremias denuncia: ***“Os inimigos de Jerusalém estão alegres, satisfeitos com sua vitória. O Senhor disciplinou Jerusalém por causa dos seus terríveis pecados que cometeu. As crianças da cidade foram feitas escravas e levadas para longe”.***

Dois degraus decrescentes iniciaram a trajetória de declínio de Israel

1.1 - O primeiro degrau decrescente foi o degrau da prosperidade.

Uma reflexão aqui pode nos levar a pensar nas dificuldades humanas na preservação da fidelidade, e na guarda dos princípios divinos quando somos cercados de prosperidade.

Não que Deus seja contra nossa prosperidade, ele se alegra com a minha felicidade. É dele que provém a nossa prosperidade. É certo que o próspero arrogante pensa que sua prosperidade advém do seu trabalho, das virtudes e habilidades humanas manifestas na construção do seu patrimônio. Mas nós sabemos que ela advém de Deus. Contudo devemos tomar cuidado para que o nosso coração jamais esteja colocado no dinheiro. Precisamos nos conscientizar que tudo o que o Senhor nos deu, foi apenas para administrarmos, e que se não formos bons mordomos, da mesma maneira que nos foi dado será tomado.

A bíblia questiona a maioria dos valores econômicos da nossa sociedade.

A palavra aramaica para riquezas é Mamom, e Jesus o condena por ser um Deus rival: ***“Não se pode servir a dois senhores, ou há de aborrecer a um e amar ao outro, ou há de se aproximar de um e se afastar do outro. Não se pode servir a Deus e a Mamom”*** (Lc 16.13). O salmista soube identificar os perigos da prosperidade: ***“Se tuas riquezas aumentam, não ponham aí seu coração”*** (Sl 62.10). E a advertência divina se acentua, quando nos adverte: ***“Ai de vocês, os ricos, porque já receberam sua consolação”*** (Lc 6.20-24). Jesus disse que: (Mateus 6.19) - ***“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam...”***

Não que Deus seja contra o dinheiro ou a prosperidade, mas a essência do evangelho não é a prosperidade. Em busca dela muitos têm arruinado a vida trabalhando de forma desordenada, danificando sua saúde e destruindo a família. Em busca dela o tempo da família foi asfixiado, morreu e foi sendo sepultada a comunhão. Muitos descobrem que ao conseguir a

prosperidade não tem mais vigor, saúde e nem família. O sentimento de poder e independência produzida pelas riquezas afastam o homem da sua religião, depois de tê-lo já o afastado de Deus.

No livro profético de Oséias (11.1) Deus nos fornece um quadro da causa do declínio de Sião: - **“Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho”**. Quando Israel recebeu de Deus a terra da sua prosperidade, cresceu e se independeu. Bendito entre todos seja o tempo da infância, quando a ganância e o desejo exagerado de riquezas não escravizam o nosso coração.

Outro dia um moço próspero me procurou fazendo uma apaixonante confissão.

Disse que sua esposa havia ensinado seu filho à obediência do dízimo e da oferta, e confessou que achava lindo o desapego e amor deles por aquele tempo do culto. Aos domingos, antes de sair de casa para vir ao culto, pede: “Painho me dê uma graninha para hora do dízimo. Quero praticar minha obediência a Deus”.

Disse, testemunhando: “Deus está me ministrando a libertação através da atitude do meu filho de quatro anos, e do ensino da minha mulher a ele”.

1.2 - O segundo degrau descendente foi o modelo das nações vizinhas que foi sendo seguido por Israel. Não há como deixar de reconhecer a contemporaneidade do Lamento de Jeremias. Daqueles dias aos atuais muito pouca coisa mudou nas estratégias do inimigo para afastar o crente da pureza, dos objetivos divinos, do dever da obediência, e da paixão que todo servo deve dedicar ao seu Deus.

Mudaram as formas de influência. Agora temos uma mídia cada vez mais evoluída, integrada e imediata, o poder de divulgação passou a exercer influência direta na formação das nossas idéias, gostos e opiniões. A internet e a televisão agora são grandes instrumentos do mal para desvio da personalidade humana.

A igreja vem sendo profundamente afetada nas últimas décadas. Já é possível ver várias delas motivando seus cultos com campanhas de prosperidade. A razão do cristão está na igreja, à motivação do crente vir à igreja é financeira na maioria dos cultos oferecidos a Deus. Para atrair aos jovens hoje estão trazendo o mundo e suas trevas para dentro dos templos, já há vários templos que viram boates dia de sábado à noite, quando não alugam lugares assim para fazer uma noite dançante gospel. A música sacra, antes inspirada pelo Espírito de Deus para adoração, agora se presta ao serviço do reboledo cristão em casas escuras, em ambientes nada recomendáveis a um cristão.

Jesus disse que nós devemos ser o Sal da terra e a Luz do mundo (Mt 5.13-14). Somos nós quem deve dar forma, modelar, influenciar, mudar o mundo, e não o mundo a nós. A palavra diz que se o sal se tornar insípido só servirá para ser pisado pelos homens.

Talvez você seja dos que se escandalizam quando percebe que o Deus disciplina seus filhos em alguns casos, em outros apenas retira o filtro da sua proteção, mas veja o que dizem os israelitas nesta ocasião: **“O Senhor tem toda razão em nos castigar, pois fomos nós que teimou em desobedecer seus avisos dados para nossa proteção em forma de mandamentos”** (Lm 1.18). A conclusão da necessidade de correção provém do próprio povo.

3 – A incerteza do talvez

Jeremias no seu lamento denuncia o convívio complacente dos profetas daqueles dias. Os profetas estavam conformados com aquela prosperidade aguda que o povo vinha recebendo, o que tornaria qualquer profecia indesejada e pouco propícia. Mas Jeremias proclama: **“você são culpados. Diziam que ia tudo bem, e o resultado de tudo isto é a escravidão”**.

No Brasil não temos experimentado o cativo de uma nação vindo de forma furiosa sobre nós, mas *temos experimentado outros cativos tão perniciosos quanto destrutivos*, tais como:

- A perda do poder e da autoridade espiritual da igreja, que aos poucos vai tolerando a “mundanização dos seus membros”. Afinal, de que adianta nossa religiosidade se não formos visitados pela bondosa mão do Senhor, derramando seu poder, provendo seus milagres e favores? Sabemos que sem unidade e santidade não somos visitados pelo Senhor.
- O desequilíbrio financeiro em um país rico como o Brasil, com nossas riquezas se esvaindo pouco a pouco pela corrupção dos nossos líderes.
- O divórcio que se alastra no meio da nossa sociedade também pode servir de sinal de alerta.
- O desnível financeiro é outro câncer da nossa sociedade. Tantos com tão pouco e pouquíssimos com muitos.
- Filhos desobedientes, crentes impacientes, cônjuges intolerantes, revelam a família em avançado estado de degradação.
- Estes são apenas alguns de nossos mais terríveis cativos.

Onde está o nosso Jeremias? Quem se levantará com voz de lamento? Qual o profeta que se levantará com voz de protesto pela nossa pátria, pelas nossas casas, produzindo uma profunda reflexão entre os nossos? Será que ainda podemos encontrar alguém que sinta a dor das oportunidades perdidas por causa do pecado foi roubando nossa santidade e perfeição?

Jeremias nos deixa um caminho, espalha pedras por uma trilha para que abracemos a possibilidade de uma mudança genuína.

- **Ele diz: “Ponha sua boca no pó...”**

O termo pode ser muito antigo, a expressão pode estar carregada de um linguajar extremamente religioso. Mas o que sugere está claro. Orem em estado de contrição. Ponham-se a orar com humildade, prostrado no chão. A esperança para Jerusalém advinha da oração. Não havia outro recurso.

E não é disto que precisamos também?

Não é da religiosidade culturalística e litúrgica que precisamos. Não celebramos o cristianismo com o nosso ingresso em uma igreja evangélica. O nosso cristianismo deve ser celebrado através de uma nova maneira de viver, pensar, agir e reagir.

Não existe cristianismo sem arrependimento, sem mudança de coração, sem um apagar de velhos sentimentos e emoções. Precisamos de santificação, separação, regeneração, e de novo nascimento.

O aflito profeta abre uma porta remota para o perdão divino. A reincidência na estrada do pecado é tão intensa, que ele não se atreve a garantir uma solução concreta para aquele grave problema. Mas ele enche o coração do seu povo de esperança quando proclama:

- **“talvez assim haja esperança...”**

Talvez você não goste da incerteza do talvez, mas saiba que eles fizeram tudo para receber o “nunca mais”. Quando Deus abre aquele precedente ainda frágil de perdão, ele está pronto a providenciar solução para aquele grave problema. A condicionante não provinha do coração de Deus, mas da mudança de atitude do coração do homem.

Ele termina seu lamento orando, fazendo o que sugeriu ao povo: ***“Obrigue-nos a mudar de direção, Senhor! Faça-nos voltar ao Senhor, porque esta é a única esperança de voltarmos a desfrutar da antiga alegria!”*** (Lm 5.21).

Hoje sabemos que depois daquela oração a história evoluiu, Deus perdoou o seu povo, restaurou a sorte de Israel, quebrou e derrubou o império babilônico, e trouxe o seu povo de volta, restaurando a sua alegria e liberdade.

Souberam aproveitar a condição condicionada a uma mudança. O sofrimento ajudou a voltarem para Deus, a pensarem e agirem da forma que agrada a Deus. Hoje é esta a proposta de Deus a nós, a mesma que propôs ao seu povo. Levantemos portanto uma voz de lamento, nos dediquemos a oração, nos sujeitemos a vontade de Deus para que o inimigo não roube o que Deus com santo sacrifício planejou nos dar.